

**RESUMO:** As relações hipertextuais se estabelecem em duas diferentes instâncias: a formada pelas conexões que os recursos eletrônicos viabilizam e a relação palimpstética, marca do texto literário. A linha de discussão decorre da percepção de que os recursos ora disponíveis devem ser usados em benefício da consciência crítica, em oposição à uniformização e ao império da ilusão sobre a percepção do mundo real, consequência da falta de domínio desse aparato por significativa parcela da sociedade. Objetivou-se, a partir desse entendimento, construir uma proposta de leitura em rede que possibilitasse a integração dos dois hipertextos na rede virtual.

**RESUMÉ:** Les relations hypertextuelles s'établissent en deux instances: celle formée par les connexions que les ressources électroniques rendent viables et la relation palimpsestique, une marque du texte littéraire. La ligne de discussion découle de la conscience que les ressources disponibles maintenant doivent être utilisées au profit de la conscience critique, en opposition à l'uniformisation et à l'empire de l'illusion sur la perception du monde réel, résultat du manque de contrôle de cet appareil chez une parcelle importante de la société. L'objectif a été celui de construire une proposition de lecture en réseau, permettant l'intégration de deux hypertextes sur le réseau virtuel.

**PALAVRAS-CHAVE:** texto, hipertexto, palimpsesto, hipertextualidade, rede virtual, leitura, escritura.

### 1. Introdução

A rede virtual determinou uma nova forma de relacionamento (entre pessoas, instituições, objetos); seu uso se mostra agora indispensável nos campos da economia, da publicidade, da segurança, da informação (dando-se destaque aí às tantas novas formas de comunicação – *sites* dos jornais atualizados durante todo o dia, *blogs*, comunidades em rede, oficinas virtuais – em que são divulgados informes e notícias, mas que servem também como espaços de criação, de trocas, de exposição, de exacerbação de egos, de encontros e desencontros, de estímulo à criatividade).

Seus muitos recursos aproximam as artes, criam novas formas de expressão em que estas se somam e enriquecem mutuamente: artes cênicas (cinema, televisão, teatro, dança), espetáculos musicais, circenses, exposições não se fazem sem recurso às possibilidades que o mundo virtual deixa à disposição.

Contrariamente ao que se temia em seu nascedouro, esse mundo virtual não distanciou seu usuário da palavra escrita; antes estimulou as trocas, forçou à organização do pensamento, mesmo considerando as formas peculiares de linguagens a que deu origem. Mas que textualidade é essa? Podemos falar em uma escrita, uma forma de expressão verbal que lhe é própria? Em diferentes expressões literárias? Esse é um espaço ainda em construção. Uma nova teoria se desenvolve a partir da nova realidade que se impõe.

Antes, porém, que o fascínio tome o lugar da razão, é preciso lembrar que, no que diz respeito à palavra escrita enquanto tal, mudou o suporte, não mudou a palavra; não estamos mais frente ao domínio da palavra impressa, mas frente ao uso da página virtual. Essa, a diferença. São os recursos oferecidos pelo meio virtual – complexidade, velocidade, interdisciplinaridade (LIMA, 2005, 134) – que estão a determinar o novo olhar.

Considerada a hipertextualidade que caracteriza o texto literário, o meio virtual se afigura como um suporte capaz de dar visibilidade aos palimpsestos e possibilidade de execução, sem percalços de tempo e espaço, a aproximações, transgressões, retomadas, reencontros. As muitas vozes que ecoam no texto literário podem ser ouvidas – resgatadas ou renovadas – ao se perseguirem os caminhos que o hipertexto virtual está a apontar. É o encontro desses dois hipertextos que a leitura do texto literário deve explorar.

---

\* Texto baseado na dissertação de mestrado **O texto no espaço virtual: a leitura em rede**, da mesma autora.

\*\* clarmi@uol.com.br

## 2. O hipertexto virtual

A aparente democratização de acesso ao saber acumulado pela espécie humana advinda do emprego dos recursos tecnológicos e hipertextuais esconde, paralelamente, um paradoxo: a possibilidade de empobrecimento da percepção e da capacidade de julgamento. Ao lado do desdobramento teórico, a acumulação possibilita, pela falta de referenciais, rupturas nas representações do conhecimento e no direito do indivíduo à singularidade. Revestida de intensa apreensão ante a possibilidade de desaparecimento do mundo real e sua substituição pelo irreal, com o emprego do que ele chama de signos enlouquecidos, é a posição de Baudrillard: “[...] inauguram a era dos simulacros e da simulação, onde já não existe Deus para reconhecer os seus, onde já não existe Juízo Final para separar o falso do verdadeiro, o real da sua ressurreição artificial, pois tudo está já antecipadamente morto e ressuscitado” (1992, 14).

Embora revele um acentuado pessimismo, é interessante pensar-se na inversão por ele denunciada. A substituição dos signos encobre a desintegração do mundo concreto. A adoção irrefletida do simulacro institui a negação do real.

Paul Virilio compartilha com Baudrillard a posição de observador alarmado com a possibilidade de desintegração do tecido social. Essa preocupação, Virilio aponta quando assegura que *o virtual é uma atopia*. A ausência de relação territorial, a falta de relação física (territorial, geográfica, geopolítica e também em relação ao corpo humano) esconde o perigo maior. Esclarece que, diferentemente da utopia que idealiza um lugar de unidade, a atopia *é um não-lugar, um não-corpo*, e daí o seu risco para a humanidade. Tendo como foco a eliminação das distâncias – a inexistência dos espaços físico e temporal entre as pessoas, em consequência da compressão temporal trazida pela cibernética –, apresenta como decorrência dessa supressão a impossibilidade de manter-se um espaço para a sociabilidade (2001).

A posição de Pierre Lévy, em contrapartida, é entusiástica com relação à “reabsorção de um espaço-tempo social viscoso, de forte inércia, em proveito de uma reorganização permanente e em tempo real dos agenciamentos sociotécnicos” (1993, 114). Define a adoção das redes de informática como a instauração de um tempo pontual, resultado de uma implosão cronológica que deixou para trás o tempo circular da oralidade primária e o tempo linear das sociedades históricas. Naquelas, afirma LÉVY, o futuro parecia imóvel; com o novo tempo marcado pela informática, parece chegar muito depressa. Isso porque “ele é a velocidade” (1993, 113-114).

Alckmar Luiz dos Santos alerta para o perigo de se considerar a rede do hipertexto virtual como instrumento capaz de conduzir a humanidade a um estágio idealizado de cultura, estabelecendo-se um novo Positivismo apoiado nos nós hipertextuais e nos mapas que vão sendo construídos pelos navegantes-internautas, vistos como escada permanentemente ascendente. Em *A cibercultura como culpa*, observa:

[...] creio não se tratar de mera coincidência o fato de se retomar aqui o esquema tríplice de Augusto Comte. A evolução que este propõe para as ciências e o espírito humano (passando sucessivamente pelas fases teológica, metafísica e positiva) não deixa de corresponder ao que Pierre Lévy postula como progresso da cultura (dividida em oralidade, escrita e cibercultura) (1998).<sup>1</sup>

O emprego desse hipertexto virtual no encontro do leitor com o texto literário também gera interrogações. Para Gilles Quinsat, a *parcelização* do saber possibilitada pelo desmembramento do texto inicial acarreta o abandono da noção de discurso canônico, de *corpus* autorizado, da própria noção de obra, que se torna objeto virtual e se faz *pura citação projetada no espaço hipertextual*.<sup>2</sup> O procedimento que permite colar qualquer segmento a qualquer outro produz um texto *generalizado* e *imaterial*. Ante a possibilidade de predominância do efêmero nesse saber sem exclusões, lembra Quinsat que a dimensão historiográfica coloca o conhecimento em relação a um momento dado, a um *estado* do saber. Os textos, desligados desse fundo cultural e literário que desvela a memória coletiva e o conjunto das obras de um dado período, adquirem uma plasticidade sem limites, transformam-se em textos anônimos e descontextualizados. Chega-se, assim, a um autor dessubstancializado, a um saber sem linhas de fronteiras, tão vasto quanto

---

1 A mesma preocupação Alckmar Luiz dos Santos registra em *Uma escada de Jacó no ciberespaço* (MAIS, Folha de São Paulo, junho, 1998) e em *Entre sedimentação e dinamismo ou o texto eletrônico e a oralidade, discutidos à luz de alguns comentários de Pierre Lévy*, <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/composUFMG.html> (acesso em 10 de novembro de 2001).

2 A respeito da produtividade textual, convém que se leia Alckmar Luiz dos Santos, em *Textualidade literária e hipertexto informatizado*: “[...] nenhuma teoria do texto que se preze jamais emprestou ao texto uma imagem de linearidade estrita, de produção monolítica e unívoca de significações. E todo o esforço teórico das últimas décadas apontou desde cedo para esse constante ultrapassamento da leitura pelo texto (como aponta BARTHES a respeito da obra de Proust, cujo prazer de leitura estaria no fato de que, a cada retomada, deixamos de ler sempre linhas diferentes.)” <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/textualidade.html>.

evanescente. Embora a comunidade inédita formada por esses tantos pontos de singularidade possa, sem dúvida, acolher as diferenças, as falas das minorias que dificilmente se fariam palavras, resta o risco de que o movimento incessante adquira tal grau de intensidade que se transforme apenas em ruído. A aproximação do texto e seu leitor permite a produção de uma leitura individualizada. A preocupação demonstrada por Quinsat é a possibilidade oferecida pelo texto eletrônico de construção de uma utopia do imediato, de descontextualização da produção (1998).

Alain Vuillemin e Michel Lenoble também são cautelosos: o hipertexto ficcional poderá transformar os esquemas culturais que guiam a leitura de ficção. Não haverá mais a estruturação voltada para o fim último, o objetivo assinalado na construção da trama, a direção que encaminha o percurso, o desenvolvimento linear da intriga; para substituí-los, uma infinidade de bifurcações possíveis, uma construção em planos de profundidade, um caleidoscópio de cenas e de motivos. A construção diegética transforma-se numa indefinição de possíveis narrativas, em lugar de uma cadeia estruturada em direção a seu fim. Apresenta-se o risco, sob o ponto de vista semiótico, de valorização inadequada de motivos e programas estereotipados. Consideram, ainda, que a perda da leitura linear acarreta simultaneamente a perda da possibilidade de refazer caminhos, a perda do texto revisto, reencontrado; dificulta o encontro das memórias retomadas(1999).

Pierre Bachy (2000) coloca em paralelo as páginas impressas em papel e aquelas desmaterializadas no *fluido eletrônico*, ressaltando os pontos em que cada uma se destaca. Referindo-se às últimas, reconhece que sua natureza eletrônica lhes confere uma capacidade de circulação inigualável e, também, novas qualidades, ao passo que um livro em papel se coloca por inteiro nas mãos do leitor, sem nenhum outro obstáculo entre o escritor e seu leitor que não seja o domínio comum da língua. Apresenta, por outro lado, seu temor ante a possibilidade de interesses comerciais virem a determinar, pela seleção prévia dos textos colocados em linha, as leituras a que o usuário poderá ter acesso.

A acumulação de sítios, de ligações e de espaços interativos, provoca, além disso, risco de degradação do gosto e do saber coletivos, como consequência dos sistemas de modelização. Apresenta-se a Internet como instrumento capaz de concretizar um processo de uniformização do pensamento, de bloqueio da percepção e nivelção das consciências, de legitimação dos guetos – que ela mesmo ajudaria a criar e manter –, de exacerbação do individualismo. Despreparado para as cartografias complexas apontadas pelos universos de virtualidade, o navegador desavisado deixa-se seduzir pela liberdade do acaso ou pelo canto da sereia. É preciso ouvir o alerta de Umberto Eco: “sem filtragem, corre-se o risco de anarquia do saber” (2000).<sup>3</sup>

A esse acúmulo de informações acessadas de forma aleatória, que simplesmente desfilam na tela do computador e não são capazes de formar *um esboço de racionalidade pontual*, Alckmar Luiz dos Santos chama de hiperinflação informativa e sugere que “antes de colocar em movimento um saber dentro do ciberespaço, [...], é preciso fazer o reconhecimento desse espaço e estabelecer como podemos, a partir de suas condições de contorno e de nossas contingências, construir algo como um percurso cognitivo” (2002).

### 3. A hipertextualidade literária

As relações transtextuais estão a evidenciar que o texto literário não se esgota em si mesmo: pluraliza seu espaço nos paratextos; multiplica-se em interfaces; projeta-se em outros textos; perpetua-se na crítica; estabelece tipologias; repete-se em alusões, plágios, paródias e citações.<sup>4</sup> A intertextualidade confirmada na literatura pelos temas retomados, eternizando e dando nova feição aos mitos e às emoções humanas, comprova que os textos se completam e se inter-relacionam.

Em Bakhtin encontra-se o conceito de dialogismo que se manifesta no espaço da enunciação: “Todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e que se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso[...]”. Para ele, a língua se harmoniza em conjuntos, pois não é um sistema abstrato de normas, mas sim *uma opinião plurilíngüe concreta sobre o mundo*. O diálogo das linguagens não é somente o diálogo das forças sociais na

---

3 “Sans filtrage, il y a risque d'anarchie du savoir. [...] C'est, je crois, le problème essentiel des années à venir. Le commerce mondialisé, d'un côté, vous propose ses "parcours", et diverses "institutions", qui sont sous le masque autant de "partis" voire de "sectes", vous proposent les leurs...Mon conseil, pour l'an 2000: Filtrez, filtrez, il en restera toujours quelque chose.” Article dans Libération Multimédia: <http://www.liberation.fr/multi/actu/semaine000102/spec000107.html>, 15 de junho de 2000.

4 Destacam-se aqui os tipos de relações transtextuais desenvolvidos por Gérard Genette em *Palimpsestes* (Paris: Seuil, 1992, p. 8-12).

estática de suas coexistências, mas é também o diálogo dos tempos, das épocas, dos dias, daquilo que morre, vive, nasce. Aqui a coexistência e a evolução se fundem conjuntamente na unidade concreta e indissolúvel de uma diversidade contraditória e de linguagens diversas (1998).

Júlia Kristeva apresenta o texto poético como objeto de escritura-leitura. O processo de leitura realiza-se como ato de colher, de tomar, de reconhecer traços. Ler passa a ser uma participação agressiva, ativa, de apropriação. A escritura, então, torna-se a produção, a indústria dessa leitura que se cumprirá. Um livro remete a outros livros, aos quais, num procedimento de somatória, permite uma nova forma de ser, ao elaborar sua própria significação. A linguagem poética aparece como um diálogo de textos: toda seqüência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro *corpus*, de maneira que toda seqüência está duplamente orientada: para o ato de reminiscência (evocação de uma outra escritura) e para o ato de intimação (a transformação dessa escritura) (1978, 120-121).<sup>5</sup>

Para Kristeva, o campo da linguagem como espaço se orienta em três direções: o sujeito da escritura, o destinatário e os textos externos (os outros textos em relação ao texto objeto da escritura). Embora estabeleça essas três dimensões, Kristeva aproxima, no mesmo sentido horizontal da elaboração textual, o sujeito da escritura e seu destinatário; o eixo vertical é o espaço onde a palavra, o texto, realiza seu encontro com outros textos, onde o texto se orienta em direção ao *corpus* literário, onde se dá o cruzamento das palavras (1978, 84).

Retomando Bakhtin, Kristeva afirma que, para se tornarem dialógicas, as palavras precisam encontrar outra esfera de existência: precisam tornar-se discurso. Assim, o dialogismo bakhtiniano designa a escritura ao mesmo tempo como subjetividade e comunicatividade ou, melhor dizendo, como intertextualidade; face a esse dialogismo, a noção de “pessoa-sujeito da escritura” começa a se esfumar, para ceder lugar a uma outra, a da “ambivalência da escritura” (1978, 88).

Vejam-se os palimpsestos, os objetos transtextuais percorridos por Gérard Genette. Ele se ocupa, em especial, da relação textual por ele batizada de hipertextualidade (1992, 12-15).<sup>6</sup> Vitor Manuel de Aguiar e Silva enfatiza “intertextualidade como a interação semiótica de um texto com outro(s) texto(s)”. Caracteriza, pois, como intertexto “o texto ou o corpus de textos com os quais um determinado texto mantém aquele tipo de interação” (1988, 625).

E acrescenta:

Em termos de ontologia e cronologia, o intertexto é um texto (ou um *corpus* de textos) que existe antes e debaixo de um determinado texto e que, em amplitude e modalidades várias, pode-se ler, decifrar, sob a superfície de estrutura deste último. Assim se justifica a designação de subtexto utilizada por diversos autores como equivalente à de intertexto. (1988, 626)

Analisando a ficção e a metaficção histórica pós-modernas, Linda Hutcheon destaca a intertextualidade – as tramas inter-relacionadas de forma complexa – e lembra a paródia como transgressão autorizada, destinada não só a recuperar a memória, a história, frente às distorções e ao esquecimento, mas também a questionar a autoridade de qualquer ato de escrita. A intertextualidade aí se manifesta como rede em contínua expansão, fazendo a escrita funcionar por meio de outras escritas. Em muitos casos, para ela, o termo *intertextualidade* pode perfeitamente ser muito limitado para descrever esse processo; talvez *interdiscursividade* seja um termo mais preciso para as formas coletivas de discurso das quais o pós-moderno se alimenta parodicamente: a literatura, as artes visuais, a história, a biografia, a teoria, a psicanálise, a sociologia – a lista poderia continuar (1991, 169-170).

---

5 “Le langage poétique apparaît comme un dialogue de textes: toute séquence se fait par rapport à une autre provenant d’un autre corpus, de sorte que toute séquence est doublement orientée: vers l’acte de la reminiscence (évocation d’une autre écriture) et vers l’acte de la sommation (la transformation de cette écriture).” KRISTEVA, Julia. *Semeiotike: recherches pour une sémanalyse*. Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1978, p.120/121.

6 GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Seuil, 1992, p. 12-15. Em *Introduction a l’architexte* (Paris: Seuil, s.d.), Genette coloca dentro do domínio teórico as muitas formas de aproximação de textos: “Mais il est de fait que pour l’instant le text (ne) m’intéresse (que) par sa transcendance textuelle, savoir tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d’autres textes. J’appelle cela de transtextualité, et j’y englobe l’intertextualité au sens strict (et classique, depuis Julia Kristeva), c’est-à-dire la présence littérale (plus ou moins littérale, intégrale ou non) d’un texte dans un autre [...] J’y mets aussi, sous le terme, qui s’impose (sur le modèle langage/métalangage), de métatextualité, la relation transtextuelle qui unit un commentaire au texte qu’il commente: tous les critiques littéraires, depuis des siècles, produisent du métatexte sans le savoir.” p. 87.

#### 4. Leitura em rede

A quebra da seqüência linear facilitada pela leitura nos meios virtuais é sempre mencionada como consequência da colocação dos textos em rede. Lembre-se, no entanto, que a construção textual linear, cronológica, pontuada, vem sendo rompida com mais freqüência do que mantida. Também aqui as conquistas do mundo eletrônico apenas deram maior visibilidade a uma prática que vem acompanhando a criação literária. O texto escrito, ao registrar e resguardar as tradições orais, já em seu nascedouro apontava em múltiplas direções, num jogo de aproximações presentes sempre nas narrativas literárias, encontradas nos poemas épicos desde a *Iliada* e a *Odisséia*, acentuadas no nacionalismo dos românticos e dos primeiros modernistas e repetidas no *Ulisses* de Joyce. Veja-se o universo que se comunica com o leitor a partir das páginas de Guimarães Rosa.<sup>7</sup>

A estrutura trabalhada por Machado de Assis em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, liberta o leitor do elemento surpresa final e lhe abre a possibilidade da fruição do texto enquanto construção. Por outro lado, o *flashback*, arquitetura composicional que aproxima situações e dilui espaços temporais, é recurso textual de há muito explorado na produção literária.

Assim como os homens, a sociedade funciona por construção, o pensamento de hoje abarca o pensamento de ontem (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 13 e14).<sup>8</sup> A escrita determinou um caminho aberto a ser seguido pela espécie humana. A memória registrada agora não é mais aquela necessária ao indivíduo enquanto sujeito de si mesmo ou membro de uma comunidade. É muito mais ampla. Afasta-se da identidade pessoal e coletiva e cresce como um *corpus* disponível, independente dos sujeitos que a comunicam. Nessa rede intertextual que vai tecendo em sua trajetória, a palavra escrita garante também a preservação do pensamento e o abre a mil possibilidades.

Com o emprego de textos lançados em programas na rede, cria-se um jogo de comunicação, em que o sentido emerge da construção do contexto, das novas inter-relações propostas. Os agentes desse jogo são indivíduos que tecem sua própria rede, seu próprio hipertexto, a partir das possibilidades apresentadas e de tantas mais por eles mesmos propostas. Na redefinição da representação, confundem-se real e virtual, objeto e imagem, conhecimento e programação. É preciso que se acompanhem, porém, as correlações que caracterizam o caminho da percepção e do entendimento humanos.<sup>9</sup> O conhecimento, assim como a arte, não se constrói em linha reta, mas por correlações, desdobramentos, associações palimpsêsticas.<sup>10</sup>

A aquisição do conhecimento exige interesse, atenção, inventividade, concentração e organização mental. Segmentos descontinuados de leitura podem revelar para o leitor o conhecimento novo. O caminho para essa revelação, no entanto, implica um relacionamento consciente do sujeito com o mundo que o cerca, com o saber internalizado, com as formas mesmas de aquisição do saber. As opções abertas ao leitor, dentro de um programa interativo, permitem que ele não apenas elabore sua própria leitura, mas também possa “construir” o material de que pretende fazer uso ou a forma artística que sua liberdade inventiva vier a determinar. “Fica, desse modo, aberta a via para uma verdadeira ‘arte variacional’” (BARBOSA, 1998).

Com a exploração de formas novas de leitura oferecidas por programas informatizados – inspeção do léxico, utilização de programações para análise sintática, estilística, comparações estatísticas e lingüísticas –

---

7 Gaëtan PICON inicia seu texto sobre a estética da literatura O escritor e sua sombra (São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1969, p.13) afirmando: “A obra de arte – e, de modo particular, a obra literária – não se nos impõe apenas como um objeto de fruição ou de conhecimento; oferece-se ela ao espírito como objeto de interrogação, de pesquisa, de perplexidade.”

8 Sobre a relação do pensamento com o tempo, Merleau-Ponty afirma: “O pensamento não abre brechas no tempo, continua a esteira dos pensamentos precedentes [...]” e desenvolve seus argumentos sobre o funcionamento por construção. MERLEAU-PONTY, Maurice. Signos. Prefácio. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 13 e14.

9 J.Laplanche e J.B.Pontalis afirmam: “Uma ‘idéia que ocorre’ ao indivíduo, aparentemente de forma isolada, é sempre um elemento que na realidade remete, conscientemente ou não, para outros elementos. Descubrem-se assim séries associativas que Freud designa com diversos termos figurados: linha (Linie), fio (Faden), encadeamento (Verkettung), comboio (Zug) etc. Estas linhas tecem verdadeiras redes, que compreendem ‘pontos nodais’ (Knotenpunkten) onde muitas delas se cruzam.” Acrescentam ainda que as associações não são regidas por leis gerais, mas que correspondem a cada indivíduo e são próprias de cada um. LAPLANCHE J. e B.PONTALIS J. Vocabulário da psicanálise (Direção de Daniel Lagache). São Paulo: Martins Fontes, 10 ed., 1988, p.69-70. Não se trata aqui de justificar a intertextualidade pelas leis da psicanálise, mas de registrar que o mecanismo que leva a estabelecer associações e fazê-lo segundo suas próprias vivências é característica do ser humano, reconhecida pela ciência e por ela aproveitada no processo de investigação do psiquismo.

10 Umberto Eco, em A poética da obra aberta, apresenta as obras de arte desdobrando-as em três níveis: “1) as obras ‘abertas’ enquanto em movimento se caracterizam pelo convite a fazer a obra com o autor; 2) num nível mais amplo (como gênero da espécie ‘obra em movimento’) existem aquelas obras que, já completadas fisicamente, permanecem contudo ‘abertas’ a uma germinação contínua de relações internas que o fruidor deve descobrir e escolher no ato da percepção da totalidade dos estímulos; 3) cada obra de arte, ainda que produzida em conformidade com uma explícita ou implícita poética da necessidade, é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de leituras possíveis, cada uma das quais leva a obra a reviver, segundo uma perspectiva, um gosto, uma execução pessoal.” In: *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 4 ed., 1986, p.63-64.

abrem-se perspectivas para uma leitura experimental. Essa modalidade de leitura cria possibilidades inúmeras de separação, reagrupamento, reestruturação, abalando a noção tradicional de *corpus*, em seu sentido técnico e metodológico. Uma relação inédita entre leitura e escrita é criada em decorrência da interação permitida pelo suporte eletrônico (VIRGEL; MAIGNIEN, 1994).<sup>11</sup> Mais que o suporte tecnológico, em constante desenvolvimento e acelerada substituição, interessa o ciberespaço por ele construído e as múltiplas interfaces viabilizadas com seu emprego.<sup>12</sup>

Um texto tradicional, linear tem começo meio e fim; é como o fio de Ariadne conduzindo em uma única direção. É um bem preso em um circuito de propriedades e de regras estritas sobre direitos, relações e benefícios do *pertencimento*. O hipertexto representaria então a multiplicidade de textos em uma escritura não linear e sem ordem definida. Com o hipertexto morre não só o autor, o gerador, mas também a mediação que assegurava com sua ordem classificatória uma vizinhança: concomitante e com a homogeneidade de um domicílio certo.

O hipertexto virtual não apenas convida os leitores à participação na construção do texto, mas os força a fazê-lo. Escritor e leitor aprendem a viver um novo papel, o de colaboradores que acrescentam novas relações-significantes aos elementos do texto. O texto se reorganiza de diferentes formas, segundo a escolha do leitor. Este se torna parte do texto, o ato de leitura torna-se correspondência.

Ilana Snyder reforça a noção de que a aparente fragmentação textual produzida com o emprego do hipertexto virtual permite ao leitor o abandono da linearidade e o encontro com as *lexias* propostas por Barthes. Porque o hipertexto redefine o que constitui as margens de um texto, noções como dentro e fora não perduram, e os conceitos sobre textualidade se transformam. O hipertexto leva seus escridutores a quebrar a antiga noção de autor e texto, substituindo-a pela de textos plurais e autores plurais (SNYDER, 1997).

O abandono da linearidade – tantas vezes confundido com o direito a uma colagem aleatória e, por isso mesmo, esvaziada de sentido – não significa o abandono da construção consciente. Romper com as margens do texto pode, e deve, significar o encontro com novas possibilidades de leitura, com o alargamento do espaço textual num sem-número de novas direções, com a superação das limitações pessoais e o ingresso numa diferente participação na construção do mundo do conhecimento.

Umberto Eco, referindo-se ao leitor-modelo, acentua que “um texto é uma cadeia de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário” e caracteriza esse destinatário como operador capaz de colocar sua competência gramatical no reconhecimento “das funções recíprocas dos termos no contexto da frase”. Frente ao texto, “entremeado de espaços brancos, de interstícios a serem preenchidos”, cabe ao leitor a iniciativa da interpretação estética, condição indispensável a confirmar sua capacidade de comunicação e “sua potencialidade significativa”. Considerando que “a competência do destinatário não é necessariamente a do emiteente” e que o autor, após gerar sua obra, deixa-a abandonada a seu destino “como uma mensagem em uma garrafa”, Eco acrescenta que ao autor resta a possibilidade de prever um leitor-modelo, capaz de um conjunto de competências que o levem a se movimentar na interpretação da mesma forma com que ele (autor) se movimentou na geração do texto. Para tornar realizável sua intenção, valer-se-á o autor de estratégias “de que fazem parte as previsões dos movimentos dos outros”, instituindo sua competência. O autor, pois, constrói seu leitor por meio de uma estratégia textual (1986, 35-43).

Alckmar Luiz dos Santos insiste em que é preciso que se aprenda a utilizar os novos *paradigmas de circulação dos objetos culturais*:

[...] o que estou propondo é discutir a necessidade e as estratégias de utilização de ferramentas informatizadas no armazenamento, na manipulação e na leitura de textos.[...] temos que mapear os procedimentos informatizados e os processos telemáticos disponíveis, antes de utilizá-los de forma intensiva e extensiva (2001).

---

11 “La possibilité d’associer au texte des traces de réaction de lecture sous forme écrite (annotations, soulignements, attachement de commentaires, renvois automatiques, etc.) et l’utilisation de divers éditeurs (graphiques, hypertextuels, etc.) crée en effet un continuum entre lecture et écriture, tant au plan du travail individuel que collectif ou partagé.” VIRBEL Jacques e MAIGNIEN Yannick. Le livre électronique et le concept de “station de lecture assistée par ordinateur”. In: VUILLEMIN, Alain e LENOBLE, Michel (org.). **Littérature informatique lecture**: de la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive. Limoges, Fr.: PULIM, 1994, p. 32.

12 O aparato tecnológico torna-se executor das relações estabelecidas pela mente humana e possibilidade de concretização antes não visualizada de aproximações textuais. Segundo Rubem Alves, a mente se apropria dos recursos da tecnologia, na manifestação de suas associações: “O corpo humano, muito mais inteligente que os computadores, é capaz de usar muitos disquetes ao mesmo tempo. Ele passa de um programa a outro sem pedir licença e sem pensar. Simplesmente pula, salta. Inteligência é isso: a capacidade de pular de um programa para outro, de dançar muitas danças ao mesmo tempo.” ALVES, Rubem. O que é científico (VI). In: **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.112.

Argumentando a respeito da impossibilidade de o ciberespaço “impor processos de produção de significações” ou fazer-se “artífice solitário de novas textualidades”, sugere que seja ele despido “dessa aparente capacidade de autonomia ou de espontaneidade” que lhe é atribuída. O conhecimento que possa vir a ser construído na rede telemática só adquire essa categoria como produto de um trabalho racional de aproximação e de significação. É o conhecimento que se dá em rede e somente ele pode comunicar à multiplicidade telemática um sentido plural. A interconectividade possibilitada ao texto no ciberespaço permite a construção daquilo que Alckmar caracteriza como *saber internético*.<sup>13</sup>

O novo contexto da leitura desenvolvida na rede internética, por suas múltiplas possibilidades, leva necessariamente à percepção e à gestão de numerosos produtos dessa leitura em mosaico. A teia que vem a ser formada pelo texto inicial enriquecido por um sem-número de possibilidades que se oferecem à escolha do leitor-navegador seguramente lhe apresenta um universo muito mais amplo do que aquele que ele encontraria no contato com um único texto.

Para Ilana Snyder, a criação de ligações entre o texto e diferentes núcleos de informação resulta em interação dialógica. No mundo do hipertexto, cada significado ou informação é entendida como parte de um todo maior. Realiza-se uma constante interação de significados, cada um dos quais revestido de potencialidade de novas ligações e condicionamentos. Os recursos hipertextuais podem ser empregados para dar destaque às referências intratextuais, da mesma forma que às relações intertextuais. Ao contrário do texto impresso, que leva seu leitor a imaginá-lo como um todo orgânico, desligado das restantes produções textuais, o hipertexto permite a visualização da intertextualidade (1997).<sup>14</sup>

Retomando Moulthrop e Kaplan, Snyder afirma: “o hipertexto é promíscuo”. Nas condições de produção eletrônica, o texto é sempre mutável, a leitura não se dá de forma sequencial e contínua, mas descontínua, não-linear e associativa, do mesmo modo em que se realiza o pensamento (SNYDER, 1997).

Também Landow discute demoradamente a diluição das hierarquias textuais. Destaca a nova configuração do texto provocada pelo hipertexto virtual, capaz não só de redefinir o começo e o fim de uma criação textual, mas também de alterar suas margens, seus sinais paratextuais (1993, 66).<sup>15</sup> George Landow afirma que, com o uso do hipertexto virtual, os críticos literários encontram um novo laboratório, que se soma às bibliotecas e textos escritos, para nele testar suas teorias. Lembrando Roland Barthes e Michel Foucault, que propunham o texto como um sistema de referências com outros textos, apresenta as ligações eletrônicas como a possibilidade de aproximar informações verbais e não-verbais (1993, 3-4).

Quando Barthes nos fala da morte do autor descreve o leitor - o receptor da informação - como o lugar onde a multiplicidade do texto se reúne; ele é o espaço exato em que se inscrevem as indicações do texto. O leitor é um ser sem história, biografia ou psicologia; é apenas alguém que tem, reunidos em um mesmo campo, todos os traços de uma escrita. Assim ele nos indica, em sua síntese magnífica, as diferenças estruturais do texto e o lugar onde acontece o conhecimento do texto (1987). A própria arte, aliás, presta-se a conexões, exige-as até, nelas se completa. Observe-se que as construções textuais em que se harmonizam diferentes recursos que fogem da linearidade do texto, hoje possíveis graças ao meio eletrônico, já se apresentavam nos projetos dos poetas concretistas e modernistas.

Iumma Maria Simon e Vinicius Dantas, ao discutirem *O chão concreto da poesia concreta*, afirmam: “Esse movimento de invenção e construção poéticas pensou na comunicação eficiente e no ato da leitura, incorporou a sensibilidade do leitor moderno ao trabalho da criação, utilizando os mais modernos recursos e técnicas visuais” (1972, 7). Parece ser esse o universo literário que desde sempre buscam os poetas. De forma metafórica e sugestiva, Mário Quintana propõe o entrelaçamento do poema com outras formas de criação:

---

13 “O saber internético [...] não deve ser confundido com pressa, como também não pode ser confundido com totalidade ou infinitude: ele deve ser capaz de gerar diferentes velocidades e sincronias, a partir das diversas pessoas envolvidas e apostando, sobretudo, numa atitude em que são os instrumentos informáticos que se põem a nossa disposição e não nós que nos colocamos à disposição deles.” SANTOS, Alckmar Luiz dos. **O saber internético**. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/saber.html>, 20 de janeiro de 2002, 16h15min

14 “Reading in hypertext is a different experience from beginning at ‘the beginning’ and going through to ‘the end’. Instead, readers begin at a point of their own choosing from a potentially large number of possibilities.” SNYDER, Ilana. **Hypertext: the electronic labyrinth**. New York: New York University Press, 1997.

15 “Hypertext linking situates the present text at the center of the textual universe, thus creating a new kind of hierarchy, in which the power of the center dominates that of the infinite periphery. But because in hypertext that center is always a transient, de-centerable virtual center – one created, in other words, only by one’s act of reading that particular text – it never tyrannizes other aspects of the network in the way a printed text does.” LANDOW, George P. Reconfiguring the text. In: **Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology**. 3 ed. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1993, p.66.

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas... (1978, 23)

A grande biblioteca virtual disponibilizada pela Internet reúne um sem-número de textos que se oferecem ao navegador. Neles se encontram incontáveis possibilidades que não se cumprem pelo simples fato de existirem. Utilizar os instrumentos virtuais numa política voltada para o homem determina o papel do intelectual (diga-se aqui, do intelectual/educador), não como enunciador, mas como transgressor de um determinado estágio uniformizador de cultura, superando a tentação de entregar-se à crença ingênua em uma evolução técnica e científica irrefreável e permanentemente ascendente.

## 5. Considerações finais

Os nós, as ligações palimpsêsticas, a construção da teia de que falam os entusiastas da rede virtual, oferecem-se ao internauta como múltiplas possibilidades de encontro com o conhecimento. Ao mesmo tempo, o texto literário – espaço em que se harmonizam muitas vozes –, por sua natureza, encontra no hipertexto virtual (aparato que as torna visíveis e as disponibiliza ao navegador) um instrumental adequado a desvelar seus palimpsestos e suas relações textuais e intertextuais.

A visibilidade alcançada com o emprego do rizoma hipertextual eletrônico, utilizado como recurso no ensino e na descoberta do prazer da leitura, permite ultrapassar a natureza investigatória e apresentar-se como caminho a ser construído pela percepção e pela criatividade.

## 6. Referências bibliográficas

- AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da literatura**. 8.ed. Coimbra: Almedina, 1988, p.625.
- ALVES, Rubem. *O que é científico* (VI). In: **Entre a ciência e a sapiência**: o dilema da educação. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999, p.112.
- BACHY, Pierre. pierre.bachy@skynet.be . In: LITOR (lista de discussão), berlol@twics.com, acesso em 15 de agosto de 2000, 9h27min.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. São Paulo: HUCITEC, 1988, p. 100-106.
- BARBOSA, Pedro. *A renovação do experimentalismo literário na literatura gerada por computador*. In: **Ciberkiosk**, n.2, maio de 1998, <http://alf.ci.uc.pt/ciberkiosk>, cópia impressa.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**, Edições 70, Lisboa, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p.14.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula**: a cooperação interpretativa nos textos narrativos. São Paulo: Perspectiva, 1986, p.35-43.
- ECO, Umberto. **Libération Multimédia**. <http://www.liberation.fr/multi/actu/semaine000102/spec000107.html> , acesso em 15 de junho de 2000.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 4 ed., 1986, p.63-64.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1992, p. 12-15.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991, p. 169-170.
- KRISTEVA, Julia. **Semeiotike**: recherches pour une sémanalyse. Paris: Coleção Points-Essai, Éditions du Seuil, 1978, p.120-121.
- LANDOW, George P. **Hypertext**: the convergence of contemporary critical theory and technology. 3 ed. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1993, p.3-4.
- LANDOW, George P. *Reconfiguring the text*. In: **Hypertext**: the convergence of contemporary critical theory and technology. 3 ed. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1993, p.66.

- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 114.
- LIMA, Rogério. *Perto da máquina*: arte e tecnologia e a nova sensibilidade estética. In: NEITZEL, Adair e SANTOS, Alckmar Luiz dos (org.). **Caminhos cruzados**: informática e literatura. Florianópolis: Edufsc, 2005.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. Prefácio. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 13 e14.
- PICON, Gaëtan. **O escritor e sua sombra**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1969, p.13.
- QUINSAT, Gilles. *De la mappemonde au web, vers un texte sans "qualités"?* In: **Critique**. Paris: Les Éditions de Minuit, Janvier-Février, Tome LIV, no. 608-609.
- QUINSAT, Gilles. *De la mappemonde au web, vers un texte sans "qualités"?* In: **Critique**. Paris: Les Éditions de Minuit, Janvier-Février, Tome LIV, no. 608-609 , p. 987-991, 1998.
- QUINTANA, Mário. *Da paginação*. In: **Prosa e verso**. Porto Alegre: Globo, 1978, p.23.
- SANTOS Alckmar Luiz dos. **Textualidade literária e hipertexto informatizado**. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/textualidade.html>, 12 de fevereiro de 2002.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. *A cibercultura como culpa*. **Revista Brasil de Literatura** - <http://members.tripod.com/~lfilipe>, acesso em 10 de novembro de 2001.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Entre sedimentação e dinamismo ou o texto eletrônico e a oralidade, discutidos à luz de alguns comentários de Pierre Lévy**. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/composUFMG.html>, acesso em 10 de novembro de 2001.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. **O saber internético**. <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/hiper/saber.html>, acesso em 30 de dezembro de 2001, 16 horas.
- SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Uma escada de Jacó no ciberespaço*. In: **MAIS**, Folha de São Paulo, junho, 1998.
- SIMON, Iumma Maria e DANTAS, Vinicius. **Poesia concreta**. São Paulo: Abril Educação, Série Literatura Comentada, 1982, p.7.
- SNYDER, Ilana. **Hypertext**: the eletronic labyrinth. New York: New York University Press, 1997.
- VIRBEL Jacques e MAIGNIEN Yannick. *Le livre électronique et le concept de "station de lecture assistée par ordinateur"*. In: VUILLEMIN, Alain e LENOBLE, Michel (org.). **Littérature informatique lecture**: de la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive. Limoges, Fr.: PULIM, 1994, p. 32.
- VIRILIO, Paul. Virilio. **O oráculo**. Entrevista a Juremir Machado. Disponível na internet em: [http://www.uol.com.br/tropico/palavra\\_10\\_170\\_1.shl](http://www.uol.com.br/tropico/palavra_10_170_1.shl) , acesso em 17/10/2001, 14h15min.
- VUILLEMIN, Alain e LENOBLE, Michel (org.). **Littérature informatique lecture**: de la lecture assistée par ordinateur à la lecture interactive. Limoges, Fr.: PULIM, 1999.